

A morte do palhaço

II — A CASA DE HOSPEDES

Da existência ficára-lhe o olhar desvairado, p'ra dentro, de quem segue na alma um sonho e anda na vida por acaso; o d'olhar d'aqueles em quem a vida interior é enorme e que ficam surpreendidos, quando a dôr lhes diz que o mundo existe. A cidade trágica faz-lhe um decôro apropriado com a noite em que a escumalha vem á tona, a miséria, as casas de hospedes, as ruas esganadas e o vício. Tudo o que de dia é anguloso e duro, logo que escurece se dilúi, e a meia tinta acarvôa á casaria lobrega e tortuosa. Os becos que surgem como boeiros rasgados para o interior dos bairros viciosos, as côvas das escadas, cheias de mistério, os tipos que só de noite aparecem, rentes ás muralhas, envoltos na sombra, a esconder vícios e lágrimas, davam-lhe, nas noites febris, a sensação de um galope atravez dum sonho.

As paredes não eram diques á sua percepção que ia até ao fundo das casas buscar os que sofrem e até ao fundo das almas, tirar para a luz, a miséria e o vício. Em tropel passavam por dentro do seu crâneo, imagens mordidas de delírio, as velhas sequiosas de amor, que, com dedos descarnados, agatam para si restos de mocidade, a maré dos grotescos, os impotentes, os que não têm a piedade de ninguém, atirados para a vida e calcados pela vida, e os ambiciosos, que caminham rentes ás paredes, de unhas cravadas na sua quimera, botas rôtas, pés frios e feridos e o cerebro em braza...

E assim as casas, as paredes e as coisas, de ouvir tanto grito, de se sentirem palpadadas por mãos febris tomavam naquelas noites formas de delírio e tinham vozes de tédio, de dôr ou de ferocidade. Era um murmúrio indefinido, um ambiente nervoso, que a sua sensibilidade recolhia e traduzia em sonho. Já no seu covil tinha tido a mesma sensação de agora, a primeira vez que ali dormira. Puzera-se a pensar, o coração premido e vontade de chorar como se uma parte do seu ser tivesse sido aniquilada ou uma escarlate quimera fosse para sempre perdida: Quantos desgraçados de tanto sonhar puzeram em braza estas paredes negras negras? Quantas ambições aqui nascidas não foram despedaçadas e aí estão mortas pelos cantos?... Estes muros, que estremeceram com a dôr ou se aqueceram com o sonho de outros, não serão para mim agressivos, por ser muito diferente o quimerico ideal que eu construo...

Vivia num ambiente falso e fóra da realidade. De tanto sonhar já não podia senão sonhar. A's vezes exclamava de si por si, quando sabia por acaso da atmosfera em que vivia submerso: — Valeu a pena? valeu a pena? Estou cansado, exasperado, depois duma velhice de fome e de misérias, com longas horas de odio e olhares hipnoticos sobre a felicidade dos outros. A mocidade sobretudo fere-me. Eu nunca fui moço, nem nunca fui amado, e que fingidos risos de indiferença, que me fazem doer as faces, tenho pelo que chamo banalidades — saúde, amores, ter vida! Com risos curvaria o meu bico sobre as desgraças dos infames que têm vinte anos. Eu nunca os tive: fui

sempre banal como um velho cartaz de esquina. Ha dias em que me deito na cama e não tenho vontade de me levantar. Olho em roda. Toda a vida me parece aborrecida e vasia. E aflige-me não ter sido moço, não ter vivido como os outros e insulto a minha quimera que me parecia de ouro, por quem me exgotei, para afinal a encontrar gelada... Errei o caminho, não era por aqui! — Juntem a êste estado de alma todas as saburras dos mistéres que aturára para viver. Representara pela provincia, fóra pateado e escarnecido, e dessa existência errante, de acaso, fizera também sonho — mas sonho amargo... Até chegar a ser Palhaço quantas profissões exercêra! Actor, cocheiro de praça e mendigo. Da existencia de noctambulismo ficara-lhe um morcêgo a esvoaçar-lhe no crâneo. Por fim, veio trabalhar para o circo da cidade. Só saía de noite. De dia ficava no covil do 4.º andar da casa de hospedes a ruminar pedaços de sonho gastos e esquecidos.

Singular ligação a dêstes tipos que o acaso reunira naquella casa de hospedes da D. Felicidade: um doido, um anarquista, Pita, a patrão, o Gregório, antigo chefe de repartição, que havia anos estava encarangado num quarto, e uma velha que só saía á noite. Todos tinham chegado ao fim da vida, de unhas arrepeladas para o goso com o o aspecto das coisas servidas que se deitam fóra. Usados pela existencia, pela ambição e pela febre, arregalavam os olhos para a vida. Nêles havia o quer que era que inquietava e fazia pensar. Em vez de ficarem duma secura atrôz, tendo analizado de perto todos os sentimentos, o amor e a amizade, a experiencia dêra-lhes tintas de sonho ao desespero: e era como se um bicho de exgoto criasse azas e se puzesse a voar. O Doido sonhava — e todas as sues visões vagas caminhavam, numa atmosfera de beleza, para de subito, num pormenor, ficarem grotescas, aos pulos como um sapo. O Anarquista tinha gestos de profeta; e na sua eloquencia havia rasgos de visionario: como um vendaval que arromba portas, assim ela entrava pelo sonho dentro, engrandecida. Evocava as multidões, a miséria humana, a dôr humana. O Pita era um mixto de filosofo e de ladrão. Sabia tudo, vendia tudo. Amára princezas e trazia um velho chale-manta, que de tanto ter visto a miséria parecia arrepiado.

A Velha passava o dia a contar as rugas deante do espelho na raiva de se sentir escarnecida. Meditava quanto tempo podia amar ainda, enganava-se e convencia-se de que não estava velha nem feia. Punha flôres no seio estancado e raso como uma taboa e arrepiava os cabelos. A noite saía, rodava nos sitios escusos á espera duma aventura de amor, ou, desvairada, ia pelas ruas da cidade, a arrastar um chale purpura.

Se todos estes seres se juntavam e conversavam, as suas palavras ardiam ou gelavam; causavam arrepios, como laminas que de repente se desembainham ou ficam no ar suspensas; eram feitas de cadaveres ou de claridades... Umás vezes penliam para o sonho; outras para a terra.

Analisavam tudo. E cada um trazia p'ra ali a sua experiência e a sua amargura.

Vocês todos teem passado na vida destas creaturas?... Desde a mocidade que não tiveram risos. Depois o pequeno emprego, nunca o gôso satisfeito, a imaginação e o apetite sempre alerta. As mulheres! ainda um dia hei-de ter aquela mulher, quando tiver dinheiro!... Nunca satisfizeram o seu amor e o seu apetite. Aturaram as insolências dos patrões e o desprezo do Metal. Nunca tiveram na vida ocasião para praticar um crime que lhes dêsse o oiro ou o Poder. Correram casas de hospedes, a ruminar idéas de ambição ou de odio, e essas mesmas diluidas e derancadas... São sordidos, teem pequenas manias e inéditos recantos de alma, e nunca, como os pobres cavadores, viveram ao contacto da natureza, das grandes arvores, da agua e da luz.

Acontecia que á meza, depois do jantar, na obscuridade que o Pita amava, ficavam de conversa. A principio o Palhaço não falava... Quasi sempre, fugia para o quarto. Mas de uma vez que se falára de amor escutára e discutira:—d'aí ficaram no habito de se exasperarem com conversas, que o Pita tingia de sonho...

O Pita era um homem de barba hirsuta e olhar mortiço nas orbitas fundas e sem palpebras. Unhas roera as todas. Tinha a sciencia da vida, visto que andára sempre aos pontapés de toda a gente e se dava com a ralé. Vivia á custa de mulheres, e como d'umá vez lhe perguntassem como arranjava êle, dono de semelhante caveira, a que as mulheres o amassem, disse com desprezo:

—A mulher é uma esphinge.

Nessa noite o Anarquista lia uma proclamação para abrir o seu jornal *A Miséria*. Com o manuscripto na mão, o olhar incendiado, perguntou:

—Pita, que lhe parece?...

E ele seco respondeu:

—Muita filosofia...

—Mas que diabo, Pita! Você sabe que estimo a sua sabedoria... Diga a sua opinião sincera...

Todos se absorveram no Pita, que passou a mão pela bola de bilhar que usa em vez de cabeça e a seguir falou:

—Não está mau de todo... Muito palavriado... Fale na terra e fale na miséria... Sabe que em Setubal, nos arrozaes, para ganhar apenas o pão negro, mulheres traballham na agua como bēstas, até se cortarem pelas virilhas? Sabe que ha pequēnas de oito anos, que se chegam á sua beira com um ar de vicio e teem esta frase tragica: Eu faço tudo!... — ?

Muito decorativo, citou o vicio, que apenas noite corre como um esguicho de lama pelos recantos negros da cidade. E' a fome?... E', disse êle. E além disto os burguezes estão dando á ralé, cheia de apetites e chiméras, um espectáculo desaforado...

—O' Pita!...

—Desaforado... Cite factos, encha-me êsse papel de factos e bote então se quizer a filosofia de fóra. O palavreado não é mau, mas é porque os pobres conhecem melhor a miséria e o crime, que um desgraçado me falava uma noite em fazer saltar tudo...

—A miséria e o crime—disse o Doido—são velhos como a terra... Você tem visto tudo e tem sido tudo: já foi

rico e já viveu de arranjar mulheres para os outros... Mas escute: a questão é mais funda... Suponha que sobre esta meza está a palpitar o Coração Humano... Ha coisas efernas. O que f z crescer o anarquismo, como uma raivosa maré de lama—é esta coisa simples: o odio aos ricos e a inveja... Você, eu, todos os que aqui estamos juntos o que dariamos para ter o Oiro, o Oiro com que se pagam as mulheres mais lindas, as chimericas mulheres todas feitas para o gôso, e sobre cujo olhar negro a gente se debruça como sobre um passado lendario; o Oiro com que se tem o amor e se deitam a perder os nossos inimigos?... Eu, vocês todos, temos feito de ha muito este raciocinio: a vida dura dez, vinte anos, depois segue-se...

—A cova...

—O nada. Portanto vale a pena gosar de todo o nosso cerebro e de todos os nossos nervos. Deixar o coração bater o mais que pudér, satisfazer a valer todas as paixões... Só o Oiro é que dá isso e ninguém recuará deante dum crime, certo da impunidade, para o obter.

—A's vezes corre-se-lhe o risco...

—Outr'ora esta vida era transitoria... Quanto mais se sofria, mais duro era o pão e a dôr mais nēgra, maior tambem na vida eterna era a felicidade. O odio contra os ricos, os que gozam emquanto as mais creaturas sofrem, existia, mas havia a certēza que iam para o inferno. Pagavam caro os beijos, a felicidade, o sonho... Agora a ilusão caiu por terra, a vida é sofrega e a maré dos que estão ávidos de gôso sobe...

E o Pita resmungou, com o olho a luzir:

—Vae ser um rico saquesinho...

—Com mulheres violadas, sangue, apetites desenfreados, raivas contra a arte e o belo...

—E' o Oiro, é o Oiro que tudo pôde e tudo faz!...

O Ouro que era ainda capaz de fazer levantar da cama o proprio Gregorio!

E a dona Felicidade, que levantava os pratos, deu um suspiro tão fundo como se nela suspirassem todas as Donas Felicidades, desde a Dona Felicidade das cavernas até á Dona Felicidade contemporanea.

Pita, a essa hora da noite, tinha espirros de genio pela caveira, numa excitação contra a vida e contra a dôr. Pelo começo da noite é que Pita principiava a ser amargo, com um grande desprezo pela sociedade. Pita tambem a essa hora estava algo na mentira: embebedava-se com as decorações sobre a miséria e sobre o coração humano, e a fantasia fazia-o perder-se, fazer grande, como um pintor que na febre atirasse broxadas de genio para a tela. Pita parecia uma evocação de Poe. Pita sentia, depois da bebida, o frio dos desgraçados, a febre dos noctambulós: sabia a enxurro: e tinha na fantasia toda a purpura e toda a lama que as borboletas teem nas azas, e que ele apanhára ao roçar-se pelos boeiros imundos da cidade.

—Eis aqui tem o amigo... O raciocinio é um vicio com o qual se chega a tudo—até a ministro... Teoria vae, teoria vem—palavras leva-as o vento... A verdade amarga e unica é esta: é que na vida é preciso sonhar, para não se morrer transido, tantos são os pontapés que a gente leva na alma e noutra parte. Ou então tem a gente a necessidade de se endurecer e de pôr o coração como uma pedra.

—Pita!...

—Como um calháo... Vá a um sitio aonde se sofra—ao hospital. Tenho o defronte da minha mansarda, o luzeiro sempre a arder nas janelas. O que está aquela pobre gente toda a noite a tecer?... Aquele estupor de alambique de sofrimento toda a noite resfolga...

—De quê!...

—De alambique—disse sêco—E' uma imagem... E ha coisas que se não curam, que é o que me revolta... Deixe-os sonhar... O sonho é tão necessário p'ra a vida como o pão.

—Eu para meu uso, até os tenho inventado para certas horas de sofrimento—e quantas noites eu passo a imaginar ser rei ou ser carrasco!...

—Atire-se-lhes com um pedaço de sonho, como se fosse um pedaço de pão!...

—O pior, Pita amigo, é que o sonho desvaira-os...

—Pois a questão essencialmente se reduz a isto: pertence aos homens de estado saber canalizar o sonho da ralé, e dêz que hoje êle se não pode aproveitar nem para fazer conquistas, nem para fazer heróis—todo o esforço deve tender a conservá-lo como lume sob cinzas, inofensivo e latente. Destruí-lo, arrancá-lo, é uma tolice, pois que outro virá—creia na minha experiência da vida—substituí-lo e quem sabe se mais perigoso!...

Caiu em meditação o Pita. Oito horas da noite e a calva incendiada por entre o pêlo sem côr. Nunca mais o puderam levar a falar sobre o mesmo assunto. Tinha um grande despreso por esta porcária da vida e fugia agora para o pequenname, a tromba a bamboar-se-lhe sobre a boca, numa festa. Tirou da algibeira uma boquilha d'ambar com uma mulher em pelota e um prospecto da casa John & Fixley, London—Segurança e Metodo, preços modicos. Assassinato de todas as sogras com o maior respeito e sem intervenção da policia.

—Pita, estás aqui, estás na Penitenciária. Vê no que te metes, Pita!...

E êle, descendo as escadas, com júbilos na voz rouca:

—Vou-me até ao pequenname. A vida é uma quimera!...

O Pita sabia tudo: conhecia os segredos de todas as familias e os vícios de todas as mulheres: em cada noite seria capaz de dizer quem estava para meter uma bala nos miolos, falido e desonrado, e quem adormecia no colo de nuvem da mais linda mulher da cidade. As suas conversas faziam frio: tinham pesadelos e lama dentro. Fôra amigo íntimo dum banqueiro, jornalista assalariado para cobrir de infâmias os inimigos do outro. Tinha tido dias em que fôra rico e pagara todas as suas fantasias—e noites em que tremera de frio à porta dos cafés, com a lista e preços das criaturas que se vendem.

Das suas conversas com êle, saia sempre com a cabeça cheia de fantasias e com um sabor amargo á vida—lama negra, onde vestígios, espirros de oiro, tivessem sido esquecidos. A sua experiência do mal de viver dava-lhe a fantasia rútila, recantos cheios de inédito e de amargura, e era como se a sua alma fôsse sacudida diante dêle de toda a pualha negra ou escarlata, que a existência lhe deixara... Depois do circo passeavam juntos até às primeiras tintas de alvorada. A'quela hora só noctâmbulos esguios quedavam pelas esquinas, figuras que, ao pé dos

restos de cartazes púrpura, de grandes letras, faziam destaque e evocavam, perto da pompa e da grandesa, a miséria da cidade...

Depois da conversa com o Pita, o cerebro em lume, ia pelo bairro pobre e desdentado, procurando vêr materializado o rasto de que ele lhe falára, como um manto que cada um arrastasse, invisível e tecido a idéas e a sofrimentos...

—Pois quê!... —lhe dissera o Pita—donde provêm que as feiteiras leiam no passado do homem?... Nada se perde, cada um traz consigo, cometa que arrasta a cauda de lama ou de oiro, todo o seu passado, vestígios de idéas, crimes, horas de amargura e horas em que se beijaram labios de mulher, por quem a gente se perde... Creia na minha experiencia da vida!...

—E para vêr?... para vêr esse rasto, que cada um traz consigo a nimbal-o, luaroso e ferido de lágrimas?... Serás tu, Pita amigo, o Diabo, e queres em troca a minha alma?...

—Não, não sou, com pena o digo, o Diabo... Quem me dêra ser o Diabo, para ser moço, ter todo o oiro e todas as lindas mulheres da terra! Ai o pequenname de seios duros e lacteos de estatua! o oiro que dá o poder, a consideração pública, os sorrisos de labios de papoula das moças e á riqueza dos bancos!... Não sou o Diabo!

E, apontando com o seu dedo nodoso e descarnado para a cidade, disse:

—Vai sofrer, espremer da Vida a experiencia. Deixa que te calquem o coração, assiste ao despedaçar do teu sonho, á tua humilhação, e depois saberás...

Tomado de respeito por tanto saber, com humildade se despediu:

—Muito boas noites, senhor Pita!... Então não toma mais nada?...

—Não tomo. Podes-te ir embora. Boa noite...

Com a cabeça a escaldar parecia-lhe agora vêr realmente o que Pita lhe afiançara existir... Cada criatura que passava arrastava consigo uma cauda—pualha luminosa, d'oiro ou cinza, feita de luar ou de escarlata. Lentamente pôde distinguil-os, classificá-os, conforme o manto regio ou pobre que traziam. E na noite havia-os que deixavam um grande rasto rútilo, como estrelas cadentes, onde gemiam ais de magoa, prolongados como um som de viola que se parte. Miseros resequidos e sacudidos pela dôr e pela miseria traziam uma cauda côr de cinza, com chuviscos de miriades de scintilhas de lagrimas, e a poetas nimbava-os uma pualha de luar e de oiro. Velhas ardidas eram envolvidas por uma atmosfera baça, onde o imortal amor inda luzia. E alguns deixavam atraz de si restos de mantos todos purpuras, que se iam perder na lama e no esquecimento, outros criminosos decerto, caminhavam numa nuvem negra, onde pedaços sangrentos escorriam como punhaladas, e havia-os todos verdes, de cambiantes infinitas. Muitos arrastavam caudas enormes pela lama, despedaçavam-nas dencontro ás esquinas, e alguns procuravam deita-las fóra para não mais pensarem num passado tenebroso.

—O homem material—pensava o Palhaço—não existe. A vida é uma convenção. O que existe é sonho, o sonho é a unica realidade. Sonhar! sonhar!...

(Continúa.)

RAÚL BRANDÃO.